

SER FALA

Felipe Augusto de Almeida Pessoa (UNICAP)

Nanette Zmeri Frej (Laboratório de Psicopatologia Fundamental e Psicanálise/Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica-UNICAP)

Verso Zen

Quando curiosamente te perguntarem, buscando saber o que é Aquilo,
 Não debes afirmar ou negar nada.
 Pois o que quer que seja afirmado não é a verdade,
 E o que quer que seja negado não é verdadeiro.
 Como alguém poderá dizer com certeza o que Aquilo possa ser
 Enquanto por si mesmo não tiver compreendido plenamente o que é?
 E, após tê-lo compreendido, que palavra deve ser enviada de uma região
 Onde a carruagem da palavra não encontra uma trilha por onde possa seguir?
 Portanto, aos questionamentos ofereças apenas o silêncio,
 Silêncio e um dedo apontando o Caminho.

A psicanálise foi muito conhecida em seu princípio como a cura pela fala. Seu método baseava-se em possibilitar que o paciente, pelo ato de falar sobre suas angustias, estabelecesse uma ligação entre os pontos traumáticos e recalcados com afetos conscientes, assim proporcionando o alívio de seus sintomas.

Este método era inicialmente utilizado durante os momentos de transe hipnótico, onde o paciente, hipnotizado, poderia visitar suas memórias mais traumáticas, origem de seus conflitos psíquicos, e lá encontrar a peça que faltava para a resolução de seus sintomas.

O procedimento utilizado por Freud, tem o intuito de proporcionar uma Ab reação, desbloqueando assim a energia psíquica atravancada pelas forças das defesas do recalque.

Após algum tempo, a hipnose abre caminho para a associação livre. Freud percebe a existência de outras formas para acessar os conteúdos inconscientes do sujeito. Estes caminhos outros seriam os atos falhos, os chistes, os esquecimentos e principalmente os sonhos.

Nasce com o auxílio da escuta do sofrimento de seus pacientes, a associação livre. Esta se estabelece na clínica psicanalítica como possibilidade de analisando falar tudo que lhe vem à mente, sem pudor ou restrições com o propósito de que disto possam advir conteúdos inconscientes, encontrando assim o sentido do discurso do paciente.

Para a psicanálise, a fala sempre foi um meio muito caro para a sua atuação clínica. A fala retrata em si a ambigüidade pulsional e o desejo inconsciente, sendo ambos extremamente opacos e evanescentes.

Segundo Dor¹, o inconsciente emerge no dizer, pois no dito a verdade do sujeito se perde. Isto que é dito é apenas máscara do sujeito e sua única função é meio dizer a verdade, para que o sujeito do inconsciente, a partir de uma fenda na máscara, possa advir.

Para que isto se torne mais claro, faz-se necessária uma investigação mais aprofundada sobre este ato tão corriqueiro quanto fundamental, 'falar'.

Começaremos pensando não na análise, mas em um período anterior e fundamentalmente importante para o sujeito: as relações primeiras com a mãe. Este é um momento crucial para a aquisição da linguagem, a aquisição da língua materna.

Momento não só de aquisição da linguagem, mas espaço mítico do desenvolvimento de um lugar simbólico para a criança no seio de uma família.

A vocação para tornar-se humano, nos é originalmente transmitida por uma voz que não nos passa a fala sem nos passar, ao mesmo tempo, sua música: a música dessa "sonata materna" é recebida pelo bebê como um canto que, de saída, transmite uma

¹ Joel Dor, 1989 Introdução a Leitura de Lacan.

dupla vocação: está ouvindo a continuidade musical de minhas vogais e a descontinuidade significativa das minhas consoantes? (Didier-Weill, 1999 p.09)

A afirmação do autor nós posicionados então em um ponto crucial para entendermos a relação do sujeito como outro, para tornamos humano é preciso que haja uma transmissão de uma vocação.

O poder criador desta voz, que sendo da fala da mãe, proporciona ao recém nascido encontrar o eco de sua existência no mundo. Já que não á suficientes o próprio corpo, nem suas excreções ou o peso exercido pela gravidade sobre ele para que nossa presença no mundo seja confirmada, é preciso que ele seja falado.

Para que possamos falar do homem e do sujeito, é necessário ‘falarmos’. Este é o ponto que nos diferencia radicalmente dos animais, o fato de que falamos.

“Seria bom notarmos que a diferença entre o homem e o animal é que o homem é um ser falante” (Miller 2002, p.24). A fala possibilita, dentre outras coisas, a nomeação do mundo, das coisas e das pessoas.

O que há de radical na diferença entre um grunhido de um animal em seu bando e o nome próprio dado ao recém nascido pelos pais?

O nome confere lugar, lugar que transcende a materialidade da coisa nomeada em si, lugar simbólico que expande a materialidade da coisa aos níveis mais etéreos da infinitude.

Não somos homem só por que andamos sobre duas pernas e compartilhamos as características físicas comuns à espécie humana. O que nos faz homens é a imersão simbólica no campo da fala, a vocação à humanidade transmitida por uma voz, a voz materna.

Assim como todos os animais, chegamos ao mundo em uma corporeidade que pesa pela lei universal da gravidade, indefesos e imersos em uma urgência de outros. Não veremos nunca um gato latir, por mais que este gato esteja submetido a um convívio diário com cachorros, ele não perderá os comportamentos felinos esperado de um gato.

Diferentemente de todos os outros animais, o humano só se desenvolve na medida em que existem outros, de sua espécie ou não, que lhe forneça uma imersão em grupo social.

A força criadora da palavra apresenta-se ao humano em um tempo pré-histórico do sujeito, ou seja, um tempo onde só podemos lhe referir enquanto tempo mítico, lógico e não cronológico do desenvolvimento do sujeito

O que acontece quando esta massa pulsional submetida inevitavelmente a lei da gravidade, lei única que rege o Real – que é este filhote de humano² ao chegar ao mundo imbuído desse real – adentra no mundo da palavra, do símbolo e da cultura? O que acontece para perdermos essa ligação com o real da massa da carne e que agora só podemos nos direcionar a ela enquanto ‘corpo’ significativo?

O que se produz é um encontro entre este real humano totalmente enigmático, ou seja, este corpo que chega ao mundo numa materialidade que pesa que se assemelha a uma folha de papel branca, a uma ardósia mágica, e aquilo que sobre ela vem inscrever-se, a ordem do significante. (Didier-Weill, 1998 p.11)

O autor nos posiciona frente à confrontação mítica de um real corporal, onde se observa a plasticidade humana. Este corpo que chega ao mundo padece de significantes e carrega consigo a possibilidade de ter possibilidades. Neste corpo em sua forma mais crua, quando ainda não chegamos a falar de sujeito, pois ali nada está inscrito nada pode ser dito, há apenas o real e segundo Lacan³ o real padece de significativo.

O bebê por não carrega consigo uma carga simbólica que lhe permita separar-se de outros em um primeiro momento, pelo contrário, está completamente vinculado ao mundo da mãe. Seu corpo, seu desejo, suas necessidades estão enlaçados de uma maneira única ao corpo, desejo e fantasias desta mãe.

² Considerando ‘filhote’ como a designação mais primitiva ao bebê, porem a mesma, já contém em si, a afirmação de uma cronologia possível, atributos simbólicos dado a coisa.

³ LACAN, J. A. *O seminário: a ética da psicanálise*.

A partir disto ela concederá a criança algum simbólico, algo que o bebê poderá usar para se posicionar no mundo e se localizar em seu próprio corpo.

Segundo Levy ⁴ a criança ao ser falada pela mãe acontece, pois partir do desejo materno inscrito na linguagem, não há um filhote humano e sim um bebê, filho que será amado ou odiado, acarinhado ou violentado.

Em um tempo de fundação do sujeito, é preciso que haja um pacto entre essas duas esferas, o Real da coisa e o Simbólico transmitido pela fala materna numa modulação. É pelo constante acosso Simbólico sobre o Real, situação gerada pela insistência da fala materna em instituir na criança uma demanda, que este pacto pode ser assimilado pelo bebê.

Sendo assim, surge este laço Real-Simbólico não homogêneo: há o encontro entre o que podemos vivenciar desta massa e o que há para dizer do corpo.

Com esta força inicial em direção ao simbólico, a mãe estruturará na criança um conflito, conflito primordial, gerador talvez da primeira dicotomia criada pelo Eu. A voz materna, imbuída das características, – da dimensão diacrônica e sincrônica, do descontínuo e o contínuo – apresenta para o sujeito um jogo de sons e silêncios, o primeiro evento musical em que este estará imerso.

A ordem simbólica vinda da voz materna, de uma exterioridade absoluta ao sujeito, o sujeito só pode aceitar sua incorporação. O real do corpo do recém-nascido é constantemente acossado pela ordem simbólica, sendo o real expulso gradativamente das relações do sujeito com o mundo. Ao ponto que, para ele, após a entrada no mundo simbólico – o Real – que não encontra nenhuma reverberação, apresenta-se agora em um espaço simbólico, o do impossível de haver simbolização.

Segundo Didier-Weill ⁵ instaura-se aí uma dicotomia que seria a constatação da existência do outro, há uma separação entre o Eu e o mundo, entre o “há” e o “não há”, entre aquilo que se encontra no mundo e o que não se encontra.

O que é mais marcante parece ser a idéia que nesse período se descortina, para a criança, a primeira “oportunidade de pensamento” do qual Freud salienta que está ligada à primeira oportunidade de um “conflito psíquico”. (Robert Levy, 2008 p.29)

Então, temos a construção de uma lógica simbólica onde o que “há” é da ordem do simbólico, da linguagem, da cultura, e o vazio do “não há” está ligado a ordem do Real, da coisa em si.

Esta separação, que não poderia se dar sem uma negação da continuidade dos elementos é a *Bejahung* Freudiana. Esta introjeção primeira, comporta um sim ao que chega ao alcance do sujeito possibilita um não, uma *Austssung* dos elementos do Eu, ou seja, uma expulsão dos elementos não prazerosos do Eu. Garcia-Rosa ⁶ nos conta que a *Bejahung* enquanto afirmação primordial é o processo primário de juízo atributivo, corresponde a uma simbolização primitiva anterior à aquisição da fala. É somente através dessa afirmação que alguma coisa passa a existir para o sujeito.

O pacto criado pelo sujeito frente às esferas do Real e do Simbólico, consiste em significar o mundo, as coisas, expulsando gradativamente o real do corpo.

Este pacto primordial vê no trauma um obstáculo, pois o Real, este que vem da criança ao nascer, não é completamente transcrito pelo Simbólico, ou seja, em uma operação primordial, o Real, não é completamente simbolizado pelo sujeito.

Segundo Didier-Weill (1998), trauma proporciona uma obstrução na lógica construída pelo sujeito no primeiro pacto, ou seja, o sujeito, ao acreditar que haveria significante, encontra-se desamparado, isto é, no trauma não há significante possível que nomeie o que “não há” como ser pensado, ele foi enganado.

Até então, a criança que vivenciava uma mãe completa, um corpo completo, sem furos, sem falta a ser, vê-se agora esboroadada pela dureza da operação traumática. O sujeito encontra-se desvalido de suas forças, se torna um puro objeto.

⁴ Lévy, 2008 O infantil na psicanálise.

⁵ Didier-Weill. 1998 Lacan e a Clínica psicanalítica.

⁶ Garcia-Rosa, 1996 Acaso a Repetição em psicanálise

Segundo Bergés e Balbo ⁷ gradativamente o corpo da mãe se afastará do corpo da criança, e é na medida em que estes corpos se diferenciam que a criança cria uma defasagem não especularizável.

A criança, munida agora de algum simbólico, estabelecerá uma falta nesta mãe, algo falta para que ela deseje e isto é o que a criança não poderá sustentar isto que toma forma na dimensão da significação fálica, orientadora do desejo materno. A mãe ao não se voltar completamente para sua criança possibilita uma defasagem e a entrada de um terceiro na relação.

Segundo Dör ⁸, um pai só é estruturalmente terceiro na situação edipiana porque o falo é o elemento significativo que lhe é atribuído. O objeto fálico é antes de mais nada um objeto de natureza significativa.

É pelo surgimento do Nome-do-pai, que a criança poderá separa-se de sua relação com a mãe, podendo agora buscar o objeto a, em outros lugares, em outras pessoas. A alienação primeira ao desejo do Outro materno (S1), que aprisiona o sujeito enquanto objeto de gozo, entra em descompasso em um segundo momento. O sujeito e Outro não estariam mais ligados pelo S1, mas sim, pelo resto da operação, um rastro de onde o sujeito alienava seu desejo no gozo do Outro.

Este força que incide sobre o sujeito separa-o do desejo materno, com o qual formava apenas um ser, e é na medida em que esta força incide sobre esta relação como um todo, que o outro pode advir.

Este recalque originário promove um afastamento, a criança a partir de agora relaciona-se com o significante paterno (S2), e por isto não sabe mais o que diz naquilo que enuncia, pois se como nos diz Berlinck ⁹ a fala está a serviço do sexo e do gozo, este S1 agora reside no inconsciente. É pela existência do inconsciente enquanto um lugar que Didier-Weill ¹⁰ nos aponta o caráter limitador da nomeação de algo. Pois, na medida em que o nome é um avanço no sentido do interdito e das distinções, impõe ao mesmo tempo um empobrecimento da relação sujeito-objeto, já que o Simbólico não da conta de todo o Real. Dessa operação sempre há um resto, indistinto, imaterial e inaudito.

É através do furo que se dá em uma exterioridade absoluta ao sujeito, ou seja, no Outro materno que agora a mãe apresenta-se agora como faltosa, que o sujeito poderá advir e se posicionar como ser falante.

Desta catástrofe que é a falta no Outro, o sujeito se perde em um primeiro momento, visto que, a relação do sujeito com o Real que é tangenciada pelo Simbólico vindo do Outro. Mas ao se deparar com este furo não simbolizável, algo do real clama por alguma simbolização do sujeito, isto é, sobre uma mãe faltosa, *che voi?*

Faz-se necessário que o sujeito perca uma parte de si, fazendo um furo nele mesmo, ou seja, um furo Real no Simbólico, instituindo aí o poder poético da criação de um significante que nomeie aquilo que não pode ser nomeado. Com esta operação, vetorizado pela linguagem, o sujeito perderá algo para buscar o que julga faltar no Outro e assim, tornar-se mais uma vez completo. A partir de então surgem às identificações aos objetos do mundo, que o sujeito busca possuir, introjetar as características imaginárias que ele julga satisfazer o Ideal do Eu.

É preciso então que no próprio sujeito se estabeleça um furo, um sem sentido, para que nele possa estruturar algo da ordem do absurdo do Real. Segundo Didier-Weill (1998) o sujeito precisa se desvencilhar das amarras paralisantes do mau-olhado do trauma, transformando isto em algo da ordem do mal-entendido. Já que o Simbólico, a partir do recalque primário, é atravessado pelo Real, um vazio se produz na essência do significante. Com isto, segundo Miller ¹¹, vemos que o mal entendido é a essência da comunicação.

Com isto o sujeito não nomeará o algo do real, porém é apenas algo que tangenciará um sentido do não sentido, aquilo que falta nomeação, do próprio sem sentido. Milner ¹² nos fala do caráter insimbolizável do real e que, ao acreditarmos tê-lo nomeado, no final, nomeamos outra coisa.

⁷ Bergés, J; Balbo G.. Jogo de posições da mãe e da criança

⁸ Joel Dor, 1989 Introdução a Leitura de Lacan.

⁹ Berlinck, Psicopatologia Fundamental.

¹⁰ Didier-Weill. 1998 Lacan e a Clínica psicanalítica.

¹¹ Miller, J. 2002 Percurso de Lacan.

¹² Milner, 2006 Os Nomes Indistintos.

O sujeito então é capaz de sair do trauma ocasionado pela ruptura do primeiro pacto e então formará, através da invenção, agora Imaginária, a metáfora. Segundo Didier-Weill ¹³esta significação metafórica que substitui o dualismo “há” ou “não há” é a fração Há / Não há, uma nova significação que é absolutamente incompreensível para nossa experiência racional por ser significativa da ausência no seio da presença.

A ordem simbólica que funda o sujeito, o se organiza pela falta, pelo erro e pelo mal entendido. A falta de significante no Outro cria um espaço para que o sujeito possa advir, para que ele possa rumar pelo seu desejo mais tranquilamente pelo mundo. Isto que é da ordem do mau-olhado paralisante, como no olhar da medusa, é substituído pelo mal entendido.

REFERÊNCIAS

- DOR, J. **Introdução leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem.** – Porto Alegre: Artes médicas, 1989.
- LACAN, J. A. **O seminário: a ética da psicanálise.** Tradução Antonio Quinet. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1991
- LÉVY, R. **O infantil na psicanálise: o que entendemos por sintoma na criança.** – Petrópolis, RJ, Vozes 2008.
- Didier-Weill. **Lacan e a Clínica psicanalítica.** - Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria Ltda., 1998.
- BERGÉS, J; BALBO G.. **Jogo de posições da mãe e da criança: ensaio sobre o transitivismo.** – Porto Alegre: CMC Editora, 2002.
- BERLINCK, M.T. **Psicopatologia Fundamental.** – São Paulo, Escuta 2000.
- MILLER, J.A. **Percorso de Lacan,** Rio de Janeiro - Jorge Zahar ed.2002
- MILNER, J. **Os nomes Indistintos.** – Rio de Janeiro: Companhia de Freud 2006.

¹³ Didier-Weill. 1998 Lacan e a Clínica psicanalítica.